UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

PROGRAMAS E BIBLIOGRAFIAS

2º período letivo de 2026

Disciplina:
HZ 066 B – Antropologia e História Docente: Christiano Key Tambascia

Ementa:
A relação entre perspectivas diacrônicas e sincrônicas na formação das Ciências Sociais, seus desdobramentos e debates atuais. Tópicos sugeridos: Evolucionismo, Etnohistória; Etnografia, história e memória; Estruturalismo e história; Cultura, estrutura e evento; História de longa duração; Microhistória; História cultural.

Programa:
A antropologia constituiu-se como uma disciplina histórica. Entretanto, uma história da própria antropologia expõe uma desconfiança, nas primeiras décadas do século passado, com o que foi considerado uma base especulativa que impedia seus praticantes de instituí-la como uma verdadeira ciência – desconfiança, esta, que levou a disciplina, ao menos no âmbito de algumas de suas escolas e paradigmas, a voltar-se para análises sincrônicas e presentistas. No contexto britânico, por exemplo, as grandes narrativas evolucionistas, tecidas na relação estabelecida entre o estudo de eventos retirados de contextos diversos, com poucas e frágeis conexões históricas verificáveis, logo foram denunciadas como o tipo de investigação que o método empírico – este sim científico – deveria suspender em prol de estudos mais seguros e controlados. A história, na própria constituição da disciplina antropológica, tem sido problematizada, neste processo de reflexividade, como lócus privilegiado de crítica - inclusive à perspectiva realista. Este curso tem como objetivo promover debates sobre as formas como o olhar para a história é parte das constantes redefinições da antropologia enquanto disciplina. Entretanto, uma reflexividade epistemológica sobre o lugar do passado e da memória no contexto etnográfico também deve considerar os usos da história não apenas pelas pessoas que produzem antropologia, mas também os sujeitos que produzem narrativas historiográficas no campo. Desta forma, esta disciplina irá se voltar para os processos de feitura da história, em suas dimensões políticas e estéticas, ao considerar o caráter produtivo do olhar ao passado, em suas múltiplas atualizações. A história, neste sentido, ao ser tomada pela antropologia como não encerrada no passado (ou mesmo inquestionável), mas constituída em suas intersecções com o poder da narrativa e com os silenciamentos também inevitáveis, torna-se viva e aberta. Ao assinalar a pertinência da crítica ao fazer etnográfico, desde uma perspectiva processual, têm-se problematizado a relação íntima entre o método antropológico com a ideia da existência de um “objeto” de estudo próprio (posição que, como lembra Merleau-Ponty, não pode existir de fato em antropologia, que possibilita, ao contrário, um espaço para o conhecimento do outro e, assim, de transformação, sem esgotar-se

na atenção a um “objeto particular”). Uma própria concepção de história em moldes mais canônicos contribuiu, nesse sentido, para preservar de maneira absoluta as fronteiras entre as disciplinas: à história estava reservado o estudo das sociedades ditas complexas, que produziam suas próprias inscrições historiográficas; enquanto que a antropologia deveria lidar com as sociedades ditas tradicionais que, na melhor das hipóteses, teriam seu passado desvendado através de relatos de viajantes, administradores coloniais, missionários, ou por registros de histórias orais (que os pressupostos cientificistas em jogo não podiam senão lançar dúvidas, sobretudo sobre a veracidade do acontecido e a objetividade do relato).

À crítica aos modelos em equilíbrio somou-se uma ênfase crescente na análise política dos fenômenos sociais que reintroduziu a história na antropologia praticada em novos contextos, com pressupostos epistemológicos renovados. A virada reflexiva das últimas décadas do século passado apenas condensou algumas das inquietações que não apenas possibilitaram, mas em diversos sentidos exigiam um estudo detido das fontes históricas – tomadas agora como narrativas mediadas por relações de poder – dos fenômenos sociais e culturais, que inclusive incluíssem os impactos do encontro etnográfico, do encontro entre os sujeitos de conhecimento de distintas origens.

O universo simbólico tão caro aos antropólogos e que, de outra maneira, também foi investigado pelos historiadores da cultura, figura, sob estas novas possibilidades de apreensão de processos históricos e sociais, como espaço de colaboração analítica – em que o conhecimento, também, tem sua historicidade assinalada, implicada no próprio processo que interessa conhecer.

O curso apresentará alguns dos debates centrais em antropologia histórica, ou entre antropologia e história, tendo atenção especial ao caráter produtivo e criativo da etnografia e da historiografia. Diante de um extenso e consolidado campo de debates, é proposto tomar como foco um eixo reflexivo circunscrito, mas que permite atentar às possibilidades abertas pela crítica às fontes, aos processos de conhecimento sobre o passado, ao poder dos arquivos, às tensões do fazer biográfico, ao esquecimento e ao silenciamento, à construção de cânones e ancestrais em antropologia. É proposta a leitura e reflexão de uma bibliografia que busca desenvolver tais debates para a realização de análises antropológicas históricas. Entretanto, também serão discutidos textos que não são considerados antropológicos, ou mesmo historiográficos, mas cujos objetivos e métodos interessam a esta disciplina e ao trânsito que aqui se delineia, chamando atenção para a importância da imaginação na produção da história. Em alguns casos, este tipo de perspectiva permitirá pensar sobre os desdobramentos de uma política social e cultural historicamente crítica – área de preocupação central em teoria social contemporânea e foco desta disciplina.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

PROGRAMAS E BIBLIOGRAFIAS

2º período letivo de 2026

Cronograma do Curso:

Aula 01 (10/08): Apresentação do programa.

Aula 02 (17/08):

Prefácio e capítulo 1 (“O poder na estória”) de Trouillot, Michel-Rolph. *Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História*. Curitiba: huya, 2016.

Aula 03 (24/08):

Capítulo 2 (“As três faces de Sans Souci: glória e silêncios na Revolução Haitiana” de Trouillot, Michel-Rolph. *Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História*. Curitiba: huya, 2016.

Aula 04 (31/08):

Capítulo 3 (“Uma história impensável: a Revolução Haitiana como um não evento”) de Trouillot, Michel-Rolph. *Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História*. Curitiba: huya, 2016.

Aula 05 (14/09):

Capítulo 4 (“Bom dia, Colombo”) de Trouillot, Michel-Rolph. *Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História*. Curitiba: huya, 2016.

Aula 06 (21/09):

Capítulo 5 (“A presença no passado”) e Epílogo de Trouillot, Michel-Rolph. *Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História*. Curitiba: huya, 2016.

Aula 07 (28/09): (Entrega de resenha de um capítulo do livro de Michel-Rolph Trouillot)

Trouillot, Michel-Rolph. “O estranho e o ordinário: o Haiti, o Caribe e o mundo”. *Vibrant*, v. 17, 2020.

Ferdinand, Malcom. "Uma dupla fratura colonial e ambiental: o Caribe no centro da tempestade moderna". In: _____. *Uma Ecologia Decolonial: Pensar a Partir do Mundo Caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

PROGRAMAS E BIBLIOGRAFIAS

2º período letivo de 2026

Aula 08 (05/10):

Trouillot, Michel-Rolph. “A região do Caribe: uma fronteira aberta na teoria antropológica”. *Afro-Ásia*, n. 58, 2018.

Aula 09 (19/10):

Hartman, Saidiya. “Vênus em dois atos”. *Revista Eco-Pós*, vol. 23, n. 3, 2020.

Pires, Rogério W. Brittes; Goyatá, Julia V.; Bulamah, Rodrigo C. “Ocupação Trouillot: ensinar e pensar para além do silenciamento”. *Afro-Ásia*, n. 72, 2026.

Aula 10 (26/10):

Cunha, Olivia Gomes da. “Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo”. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, v. 10, n. 2, 2004.

Stoler, Ann Laura. “Os arquivos coloniais e a arte da governança”. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. *Pensar os arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

Aula 11 (09/11):

Walker, Alice. “À procura de Zora Neale Hurston”. *Ayé: Revista de Antropologia*, Edição Especial (Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston), 2021.

Basques, Messias. “Diários de Antropologia Griô: etnografia e literatura na obra de Zora Hurston”. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, Ano 23, vol. 30, n. 2, 2019.

Aula 12 (16/11):

Didi-Huberman, Georges. “Imagens Apesar de Tudo”. In: _____. *Imagens Apesar de Tudo*. São Paulo: Editora 34, 2020.

Didi-Huberman, Georges. “Cascas”. In: _____. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.

Semprún, Jorge. *A Escrita ou a Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Aula 13 (23/11):

Mukasonga, Scholastique. *Baratas*. São Paulo: Nós, 2018.

Aula 14 (30/11): (Entrega do trabalho final)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

PROGRAMAS E BIBLIOGRAFIAS

2º período letivo de 2026

Scott, Joan W. “A invisibilidade da experiência”. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 16, 1998.

Delany, Samuel R. *The Motion of Light in Water: Sex and Science Fiction Writing in the East Village*. Nova York: Arbor House; William Morrow, 1988.

Bibliografia:

Basques, Messias. “Diários de Antropologia Griô: etnografia e literatura na obra de Zora Hurston”. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, Ano 23, vol. 30, n. 2, 2019.

Cunha, Olivia Gomes da. “Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo”. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, v. 10, n. 2, 2004.

Delany, Samuel R. *The Motion of Light in Water: Sex and Science Fiction Writing in the East Village*. Nova York: Arbor House; William Morrow, 1988.

Didi-Huberman, Georges. “Cascas”. In: _____. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.

Didi-Huberman, Georges. “Imagens Apesar de Tudo”. In: _____. *Imagens Apesar de Tudo*. São Paulo: Editora 34, 2020.

Ferdinand, Malcom. "Uma dupla fratura colonial e ambiental: o Caribe no centro da tempestade moderna". In: _____. *Uma Ecologia Decolonial: Pensar a Partir do Mundo Caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

Hartman, Saidiya. “Vênus em dois atos”. *Revista Eco-Pós*, vol. 23, n. 3, 2020.

Mukasonga, Scholastique. *Baratas*. São Paulo: Nós, 2018.

Pires, Rogério W. Brittes; Goyatá, Julia V.; Bulamah, Rodrigo C. “Ocupação Trouillot: ensinar e pensar para além do silenciamento”. *Afro-Ásia*, n. 72, 2026.

Scott, Joan W. “A invisibilidade da experiência”. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 16, 1998.

Semprún, Jorge. *A Escrita ou a Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Stoler, Ann Laura. “Os arquivos coloniais e a arte da governança”. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. *Pensar os arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

Trouillot, Michel-Rolph. *Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História*. Curitiba: huya, 2016.

Trouillot, Michel-Rolph. “A região do Caribe: uma fronteira aberta na teoria antropológica”. *Afro-Ásia*, n. 58, 2018.

Trouillot, Michel-Rolph. “O estranho e o ordinário: o Haiti, o Caribe e o mundo”. *Vibrant*, v. 17, 2020.

Walker, Alice. “À procura de Zora Neale Hurston”. *Ayé: Revista de Antropologia*, Edição Especial (Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston), 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

PROGRAMAS E BIBLIOGRAFIAS

2º período letivo de 2026

Observações:
Forma de avaliação: entrega de uma resenha de um capítulo do livro de Michel-Rolph Trouillot no dia 28 de setembro (30% da nota) e entrega de um trabalho final sobre tema a ser combinado com o professor no último dia de aula, 30 de novembro (70% da nota).